



UNIVERSITÉ DE MONTRÉAL

CEDI - P. I. B.
DATA 02, 09, 86
COD 201006

PROJETO ZORO DE ETNOMEDICINA
=====

RELATORIO DAS ATIVIDADES DE PESQUISA DESENVOLVIDAS PELOS
ANTROPOLOGOS LIONEL VALLEE E GILIO BRUNELLI DA UNIVERSI-
DADE DE MONTREAL (CANADA) ENTRES OS ZORO DA FRENTE DE A-
TRACAO ZORO, NO MUNICIPIO DE ARIPUANA (MATO GROSSO), DE
02.07.1984 A 27.09.1984

Montréal, 10 de Dezembro de 1984

INTRODUCAO

Apresentamos aqui um curto relatório das atividades desenvolvidas no meio do grupo indígena Zoró no verão 1984. Não se trata de um estudo avançado, nem de uma análise detalhada de todos os dados que pudemos recolher no desempenho de nossa atividade de pesquisa, e sim de uma apresentação simples e clara dos trabalhos mais importantes que conseguimos realizar.

Parece-nos importante, antes de começar nosso relatório, lembrar que junto aos Zoró nós pretendíamos fazer estudos de antropologia médica, interessando-nos portanto a sujeitos tão diversificados como a etno-botânica, a concepção das doenças, a distribuição de remédios pela FUNAI, a dieta alimentar, a frequência e incidência das doenças segundo os sexos, a faixa etária e a residência, a pajelança, o conceito de saúde, as curas tradicionais e outros temas ainda. Isso tudo dentro de um plano de trabalho escalado sobre alguns anos e a partir de uma experiência adquirida no dia a dia da pesquisa de campo junto a outras populações indígenas da Amazonia. Logo, o que nós fizemos no verão 1984 deve ser entendido como sendo a primeira fase de campo de uma pesquisa que pretende recolher, em alguns anos de trabalho, dados e informações suficientes para podermos com-

parar umas populações indígenas da Amazonia no que diz respeito às transformações, a todos os níveis, originadas pela introdução da medicina ocidental. Acreditamos que seja importante explicitar este fato porque realmente foi determinante na escolha de nossos objetos de pesquisa: o que, por uma razão qualquer, não se prestava à comparação, não foi considerado por estes pesquisadores.

Finalmente, e isto poderá servir para compreender porque, chegados aos Zoró para fazer pesquisas de antropologia médica, na realidade fizemos muito mais do que isso, é mister dizer que nosso projeto tinha sido elaborado para trabalhar junto aos indígenas Surui (Paiter) de Rondônia e que somente na última hora, quando já estávamos no Brasil, soubemos da impossibilidade de chegarmos junto aos Surui e, de acordo com a presidência da FUNAI, optamos pelos Zoró. Ora, este último grupo indígena carece de todo e qualquer estudo antropológico e não existe bibliografia a seu respeito. Tivemos então que começar praticamente do nada e antes de podermos chegar ao âmago de nossas preocupações científicas, tivemos que fazer toda uma série de trabalhos de etnografia de base: língua, parentesco, genealogia, organização social, etc. etc.

CHEGADA A FRENTE DE ATRACAO ZORO

O processo que nos levaria junto aos Zoró foi começado por uma carta enviada ao Sr. Delegado Regional da VIII D.R. da FUNAI ainda a 1 de Fevereiro de 1983. Um pouco mais tarde estabelecemos o contato com a presidência da FUNAI e com a Assessoria de Cooperação Internacional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, em Brasília. A troca de correspondência foi mantida ao longo de 1983 e de 1984, e no dia 25.06.1984 a Assessoria de Estudos e Pesquisas da presidência da FUNAI comunicava ao CNPq seu parecer favorável para nossa pesquisa. Graças ao apoio e compreensão que recebemos dessas duas instituições e à colaboração de nosso colega brasileiro, professor Roque de Barros Laraia, conseguimos num tempo muito curto a aprovação final para a realização de nosso projeto de pesquisa e a permissão oficial para entrar em área indígena.

Deslocamo-nos de Brasília a Porto Velho e de lá seguimos viagem até Ji-Paraná (RO). Não tendo outro meio para se chegar à F. A.Zoró que o avião, foi num Cessna monomotor que embarcamos e um belo dia de Julho fomos depositados na pista de pouso da F.A.Zoró. Lá encontramos o encarregado da Frente, Sr. Natalício da Silva Maia, com esposa e duas crianças; o atendente de enfermagem, Sr. Roberto Pires

dos Santos, e o trabalhador braçal, Sr. Pedro Chaves Rodrigues, com esposa. Lá encontrava-se também a analista, Srta Marília de Lima Verde, chamada temporariamente à F.A.Zoró para realizar exames de malária.

Nada sabendo dos costumes zoró quanto ao trato com estranhos e hospedes, para não comprometer nosso trabalho futuro com um erro logo no começo, optamos para aceitar a hospedagem que nos foi oferecida pelo Sr. Roberto Pires dos Santos e foi na casinha dele que, naquele primeiro dia, esticamos nossas redes. Nela permanecemos um bom período e foi somente mais tarde, quando nosso relacionamento com os indígenas tinha-se estabelecido sobre bases sólidas e duradouras, que, com o acordo do chefe da Frente, mudamos para uma maloca aonde tínhamos sido convidados repetidas vezes.

Desde nossa chegada os indígenas mostraram-se muito abertos e muito disponíveis. Acolheram-nos com muito carinho e com muitos sorrisos, e ainda na tarde desse primeiro dia levaram-nos dar uma volta na aldeia, mostrando-nos as casas deles, convidando-nos a entrar e oferecendo-nos bebida de macaxeira e beiju de milho. Essa atitude foi crescendo à medida que o conhecimento recíproco ia se aprofundando e realmente nunca tivemos o menor problema com nenhum deles.

Pelo contrário, achamos neles colaboradores e informantes sempre atentos e disponíveis.

Do lado de fora da F.A.Zoró sempre pudemos contar com a colaboração e o interesse do Delegado Regional da FUNAI, Sr. José Apoe-na Meirelles. Ele acompanhou de perto o desenrolar de nosso trabalho e sempre nos proporcionou ajuda e conselhos preciosos e sinceros.

LINGUA E PARENTESCO

O primeiro trabalho que nos ocupou foi o estudo da língua zoró. E mister lembrar que não existe absolutamente nada de escrito e publicado sobre a língua que falam os Zoró. Sabe-se apenas que ela é da família Mondé do stock Tupi. Acrescente-se que nenhum Zoró fala correntemente o português e que somente uns rapazes mais novos o checem um pouco mais do que a maioria da população. Assim, mesmo não sendo linguistas, achamos fundamental começar por esse lado. Temos então constituído um pequeno dicionário Zoró rico de algumas centenas de palavras. Uma enfase especial foi dada a colheta e transcrição de palavras diretamente relacionadas com nossa pesquisa.

Começamos os estudos do sistema de parentesco dos Zoró e antes de nossa saída já tínhamos conseguido estabelecer todas as relações de parentesco entre as pessoas vivas da aldeia. Começamos então a pesquisar para saber das gerações passadas, mas não obtivemos muito êxito porque os Zoró não podem dizer os nomes das pessoas mortas. Tratando-se, pois, de um sistema bilateral classificatório, com casamentos endogâmicos de primos cruzados e avuncular, na aldeia todo mundo é parente de todo mundo. Quando não se pode saber o nome da pessoa em questão, este sistema torna-se um verdadeiro quebra-cabeça.

Todavia, sem forçar as tradições e as crenças zoró, pretendemos continuar este trabalho na próxima estadia com eles.

ESTUDOS DA POPULACAO

Realizamos um recenseamento completo de toda a população zoró, o primeiro na história deste grupo, sendo que a FUNAI desde o momento do contato até hoje não tivera tempo para fazê-lo. De todas as pessoas indígenas presentes na F.A.Zoró recolhemos o nome indígena, o apelido dado pelos funcionários da FUNAI, o sexo, a idade aproximativa, o estado civil, o nome do pai e da mãe (quando eles continuam vivos), o nome do cônjuge, o número e o nome dos filhos (no caso de pessoas casadas) e a unidade de residência. Soubemos assim que a 29 de Julho de 1984 na F.A.Zoró moravam 170 Zoro (2 dos quais estavam ausente na época por estarem trabalhando nas frentes de atração dos Uru-eu Wau-wau), 1 Arara e 1 Cinta Larga. No mês de Agosto nasceram mais duas crianças, totalizando então os Zoro da F.A.Zoró 172 pessoas.

E importante assinalar que na hora da vacinação da população fomos solicitados pelo chefe provisório da Frente e pelo atendente de enfermagem, que souberam de nosso recenseamento, para prestar nossa assessoria na identificação dos indígenas, na transcrição do

nome deles e na organização de um fichário. Solicitação que nós atendemos prontamente e que nos permitiu de conferir nossos dados.

Fizemos também um estudo da distribuição da população por unidade de residência. Fizemos o primeiro levantamento a 26.07.1984 e o segundo a 20.09.1984. No levantamento de 26 de Julho contamos 34 unidades de residência, sendo 4 malocas e 30 casas quadradas. Temos assim uma média de 4,9 pessoas para unidade de residência, variando de 1 a 13 o número real de pessoas habitantes uma mesma unidade.

Na repetição do estudo, feita a 20 de Setembro, contamos 35 unidades de residência (4 malocas e 31 casas quadradas), a média continuando a 4,9, mas variando o número real de pessoas de 2 a 11.

Nesse segundo levantamento observamos também a regra da residência matrimonial e descobrimos assim 26 casais vivendo em residência neo-local, 7 em residência patri-viri-local e 4 em residência matri-uxori-local.

Um as observações que fizemos sobre a divisão do espaço dentro da unidade de residência precisam maior aprofundamento antes de serem apresentadas.

Preocupamos também com os Zoró não residentes na aldeia da F.Ã.Zoró e soubemos que 34 Zoró vivem e residem no P.I.Igarapé Lour-

des; 4 Zoró vivem e residem com os Cinta Larga; 1 mulher zoró mora em Ji-Paraná na casa do homem com quem casou; 2 Zoró, como já dissemos, estavam trabalhando nas frentes de atração dos Uru-eu Wau-wau, mas a residência deles é na F.A.Zoró. Não consideramos ainda encerrado este estudo porque parece haver mais mulheres zoró casadas ou amancebadas com peões que trabalham nas fazendas que cercam a área zoró. Por outro lado, todas as informações são unânimes em dizer que não há mais Zoró arredios.

RELACAO AO MEIO AMBIENTE E OBSERVACOES GERAIS

Uma atenção especial foi dedicada ao estudo da relação dos Zoró com o meio ambiente no qual vivem. Eles têm um conhecimento perfeito de seu território e sabem localizar rios, igarapés e serras com muita exatidão. Conhecem os caminhos do mato e sabem muito bem aonde ficam seus vizinhos Cinta Larga, Surui, Gavião e Arara.

Quanto ao relacionamento com plantas e animais, ele é muito avançado. Para começar a medir esse relacionamento fizemos uma lista das plantas que os Zoró utilizam para seu próprio uso. Nossa lista estende-se sobre páginas e páginas, contendo produtos alimentares de origem vegetal, ervas medicinais, material para construção, iluminação, confecção de instrumentos de trabalho, armas e enfeites. Raí-

zes, sementes, frutos, nozes, casca, madeira, folhas, résinas, flores, fibras: tudo é aproveitado pelos Zoró segundo as características próprias a cada espécie. Sabem como e quando se servir de um determinado produto vegetal e sabem aonde ir buscá-lo.

Fizemos uma lista semelhante para os produtos de origem animal, principalmente os produtos da caça e da pesca e também nesse caso ficamos impressionados pelos conhecimentos que os Zoró têm dos hábitos dos animais, dos ciclos de reprodução e da localização das tocas dos bichos. Confessamos, contudo, que muito trabalho deve ser feito para explorar devidamente esta faceta da cultura zoró.

Nós fizemos ainda observações sobre o modo de subsistência; a produção, distribuição e consumação dos alimentos; a ocupação do tempo e a distribuição das atividades dentro de um dia, de uma semana, de um mês e de três meses; as práticas tradicionais (aparentemente desaparecidas) e introduzidas (protestantismo); o relacionamento dos Zoró com os funcionários da FUNAI; o acesso aos bens produzidos pela sociedade nacional; a educação das crianças, a divisão sexual do trabalho e o papel da mulher na sociedade zoró; a etno-história e o histórico do contato com a sociedade nacional brasileira, o exercício do poder e outras coisas ainda, mas os dados que colhemos são muito fragmentários e pedem mais pesquisas.

PATOLOGIAS REGISTRADAS

Mesmo não sendo nenhum dos pesquisadores médico, e mesmo sendo prevista a presença de um especialista em saúde numa próxima etapa de nossa pesquisa, achamos importante desde o primeiro momento de nossa chegada à F.A.Zoró concentrar bastante energias neste setor e realizar desde já o maior número possível de observações.

De uma maneira geral a população zoró parece gozar de um bom estado geral de saúde. As pessoas são fortes, sadias, bem desenvolvidas e bem proporcionadas. As ocorrências de doenças registradas mais abaixo não devem alterar esta observação geral.

Chegamos à F.A.Zoró no meio de uma forte epidemia de malária, as formas "fasilparum" e "vivax" sendo as duas mais frequentes. Mantivemos uma contagem, revisada diariamente, de todos os casos de malária na aldeia. Do dia 2 de Julho a 23 de Agosto de 1984 houve 54 casos de malária, isto é, 32% da população presente na aldeia foi acometida por esta doença. Desses 54, 53 recobriram sua saúde, enquanto (1), menino de 5 anos, morreu. Outro menino, mais ou menos da mesma idade, morrera, de malária também, uns dias antes de nossa chegada. Dos 53 que recobriram sua saúde, 47 foram tratados na enfermaria

da FUNAI, 2 foram se tratar no mato e 4 foram encaminhados para a "Casa do Índio", a Porto Velho (RO).

Completamos as observações empíricas com uma investigação junto ao pessoal da FUNAI e aos próprios indígenas e soubemos que epidemias de malária se repetem a todo os anos na F.A.Zoró, especialmente entre Fevereiro e Setembro, e isso causa 3 ou 4 mortes por ano mediamente.

Houve também uma epidemia de gripe, a partir da última semana de Julho. Todas as crianças, de ambos os sexos, com menos de 5 anos, foram atacadas. Mais tarde ela chegou também aos adultos e ficou se alastrando na aldeia por muito tempo. No dia 22 de Setembro todo mundo, antropólogos inclusive, estava gripado. Uma minoria somente recorreu à enfermaria da FUNAI para tratamento, ninguém foi enviado a Porto Velho, não houve mortes por causa disso e a maioria dos indígenas ficou esperando que passasse.

Além destas duas epidemias há uns problemas crônicos de saúde. Apontamos os seguintes: a perda dos dentes superiores, especialmente os adultos e, entre eles, as mulheres; feridas e chagas provocadas por picadas de insetos e parasitos da pele, especialmente as crianças; verminose: adultos e crianças. Também muito frequentes são

os casos de diarréia e de desidratação, sobretudo entre as crianças.

As formas agudas de doença que se manifestaram durante nossa estadia foram as seguintes: uma infecção renal (mulher, 40 anos); duas infecções das vias respiratórias provocadas pelo manuseio de veneno contra as pragas do milho e do arroz (homens, 22 e 25); um caso de bronquite (mulher, 60); duas infecções intestinais (mulher, 2 e homem, 40); 1 caso de tuberculose (homem, 40); uma (1) pessoa foi tratada conjuntamente para anemia, reumatismo agudo na omoplata e problemas de coluna (homem, 40); um caso de perda de sangue pelo nariz sem causa aparente (mulher, 8); um caso de dor de dentes (mulher, 3); um caso de varicela (homem, 6) e dois casos não foram diagnosticados (homem, 6 e mulher 2).

Há ainda dois casos de estrabismo (homem, 25 e mulher, 20) que pode ser considerado congênito enquanto os dois são irmão e irmã; uma malformação da coluna vertebral (mulher, 2); um caso de catarata (homem, 70) e um caso de atraso aparente de desenvolvimento mental e coordenação psico-motória (mulher, 2).

Finalmente, registramos também uns acidentes. O mais sério foi a picada que um rapaz de 14 anos recebeu de uma cobra venenosa,

uma jararaca, pondo em sério risco a vida dele. Prontamente atendido na enfermaria do posto, foi em seguida encaminhado para Porto Velho e regressou à aldeia dois meses mais tarde sarado. Outros acidentes foram feridas e cortes. Não temos dados pormenorizados e específicos, mas, no mês de Setembro, por exemplo, houve pelo menos 1 caso por dia, nem todos procurando atendimento na enfermaria da FUNAI. As feridas e cortes eram provocados pelo manuseio de machados e facas e, nas crianças, pelo hábito de brincar com latas de alumínio e vidros de remédio jogados fora pelos funcionários da FUNAI. Nenhuma dessas feridas e cortes, no entanto, deu origem a problemas de saúde mais sérios. Outro acidente foi o caso de um homem de 25 anos em cujo pé esquerdo, entre o 3 e 4 dado, ficou cravado muito profundamente um pedacinho de madeira e ninguém (quase todo mundo experimentou) conseguia tirá-lo. Provocou um começo de infecção no pé e estava dando febre quando, 3 dias depois, a madeira foi retirada do pé dele.

ATENDIMENTO DA FUNAI

A FUNAI mantém na F.A.Zoró um atendente de enfermagem em base permanente e uma enfermaria equipada com material para o primeiro atendimento. Há ainda uma equipe volante de saúde (EVS), integrada por um médico, um dentista, um enfermeiro diplomado e um analis-

ta, que atende nos casos mais urgentes e complicados. Finalmente, ao longo da BR-364, há algumas "Casa do Índio" para onde são encaminhados os casos que não podem ser resolvidos na frente de atração. Com todo o pessoal que trabalha neste setor tivemos um relacionamento excelente e todos foram informantes preciosos e apreciados. Todos trabalham com afinco e competência, mas há alguns problemas maiores que independem deles e que tornam mais difícil o atendimento médico eficaz e tempestivo. Mencionamos a precariedade da reposição de remédios na enfermaria da frente e a falta de contato-rádio permanente com a sede da VIII Delegacia Regional para as urgências. (em três meses o rádio foi operativo somente uns poucos dias).

Além do atendimento habitual, feito duas vezes por dia, observamos algumas atividades mais específicas.

1) A todo mundo foi feita a lâmina para detecção de malária, uns até duas vezes.

2) No dia 9 de Julho todos os Zoró presentes na aldeia foram vacinados contra a febre amarela. Pena foi que ninguém se preocupou de fazer uma lista para averiguar se todo mundo fora vacinado. Nós mesmos observamos uma turma de adolescentes se esconder no mato quando descobriram as razões da vinda do médico, e sabemos de outras pessoas que estavam ausentes nessa hora: todos eles não foram vacinados.

3) No dia 27 de Julho chegou à F.A.Zoró a EVS para uma campanha geral de vacinação e para prestar atendimento dentário. Na manhã de 28 houve 4 extrações dentárias. Na parte da tarde, quando a vacinação estava começando, inexplicavelmente, veio um avião buscar a EVS. Sendo que a vacina não podia ser guardada adequadamente, a vacinação foi feita pelos funcionários da frente e pelos antropólogos presentes. Ela foi feita por faixas etárias e constava de vários tipos de vacina, como mostra o esquema seguinte:

de 0 a 5 anos: contra a poliomelite
 de 2meses a 5 anos: contra difterite, coqueluche, tétano
 de 6meses a 7 anos: contra o sarampo
 de 5 anos para cima: contra o tétano

Depreende-se deste quadro que as crianças de 5 anos receberam, em dois dias, 5 vacinas. Diferentemente da vacinação contra a febre amarela, nesta ocasião todas as pessoas foram identificadas, fichadas e foi anotado o tipo de vacina que receberam. As mulheres grávidas (7 na época) não receberam nenhuma vacina. Mais 6 adultos não foram vacinados, mas os nomes deles foram anotados e sabemos que foi feito um pedido de vacina suplementar. Não sabemos se chegou.

4) Foi feita, pois, uma campanha geral contra os parasitos intestinais, executada pelo atendente de enfermagem, depois que uma lombriga de 20 cm. foi encontrada nas fezes de uma menina de 2 anos. Assim todas as crianças com menos que 2 anos foram chamadas ao posto

e receberam remédios. Todavia não tendo equipamento para fazer análise de fezes e não tendo outro remédio contra parasitos intestinais que uma boa quantidade de Giarlam, foi assumido que todas as crianças estavam com Giardíase e para isso foram tratadas.

Como já dissemos normalmente os casos mais difíceis são encaminhados para Porto Velho, isto é, quando o rádio funciona. Durante nossa permanência na área 10 pessoas foram enviadas a Porto Velho para tratamento e mais 5 pessoas foram junto para acompanhá-las. Veja-se o quadro abaixo para os pormenores.

	M/F	anos	doença	acom.	ida	volta
1)	F	2	malária	Sim		09.07.1984
2)	F	25	malária	Não	09.07.1984	23.07.1984
3)	M	40	anemia, omoplata coluna	Não	09.07.1984	23.07.1984
4)	M	14	picada de cobra	Não	27.07.1984	06.09.1984
5)	M	6	malária	Não	27.07.1984	06.09.1984
6)	M	7	malária	Sim	28.07.1984	06.09.1984
7)	F	2	infecção intestinal	Sim	20.08.1984	06.09.1984
8)	M	40	infecção intestinal	Não	20.08.1984	19.09.1984
9)	M	1	infecção intestinal	Sim	19.09.1984	
10)	M	7	sem diagnóstico	Sim	27.09.1984	
11)	F	2	sem diagnóstico	Sim	27.09.1984	

Note-se que no caso número 6 e número 10 trata-se da mesma pessoa que, enviada a Porto Velho para ser tratada contra a malária, ficou boa dessa doença, mas pegou outras: catapora certamente e tuberculose provavelmente, que a obrigaram a voltar para Porto Velho logo em seguida.

MEDICINA TRADICIONAL

Ao lado do atendimento oferecido pela FUNAI, os Zoró podem valer-se de sua própria medicina tradicional. Nós averiguamos que os pajés eram personagens importantes na sociedade tradicional zoró; que um desses grandes pajés morreu há somente uns anos na "Casa do Índio" em Porto Velho; que presentemente na F.A.Zoró há pelo menos um pajé. Provavelmente há mais, mas nossas informações a respeito não são conclusivas.

Praticamente todas as pessoas adultas zoró têm conhecimentos profundos e apropriados das capacidades curativas das plantas. Para nossas pesquisas nós pedimos a assessoria de umas 30 pessoas, homens e mulheres, e nunca encontramos alguém que não soubesse identificar as plantas que tínhamos levado para tal fim. Tivemos sempre a atenção de conferir junto a 3 informantes a validade da primeira identificação e pudemos assim averiguar também o grau de difusão deste tipo de conhecimentos na população zoró: é altíssimo e atinge praticamente toda a população adulta. Somente no começo encontramos uma certa reticência da parte dos indígenas, enquanto não tínhamos conseguido explicar para eles as razões que nos levavam a interessar-nos às plantas. Passado esse recife, obtivemos a máxima colaboração.

Chegamos assim a fazer um primeiro reconhecimento de 115 plantas, cipós, raízes e folhas com propriedades curativas conhecidas e utilizadas pelos Zoró. Por falta de equipamento não conseguimos este ano levar as amostras para identificação científica num laboratório de Porto Velho, mas já temos o nome zoró, as indicações e a posologia para cada planta. Observamos também que raramente os Zoró usam uma só planta nas curas, entrando na composição dos remédios medianamente 3 ou 4 produtos vegetais diferentes. Nosso receituário ainda está no começo, mas já temos alguma coisa.

Assistimos e até participamos a 14 curas tradicionais a base de vegetais e sabemos com certeza de mais 4 que foram praticadas em Agosto e Setembro. Supomos que houve outras no mês de Julho, especialmente contra a malária (os Zoró conhecem vários remédios vegetais contra essa doença), mas naquela altura ainda não tínhamos a confiança dos Zoró e nem conhecíamos a língua deles para pedir.

O leque de doenças cobertas pelos remédios vegetais é enorme e o que até agora chegamos a conhecer já nos autoriza a pensar que a etno-medicina zoró sabia tratar todas as doenças que podiam eventualmente ocorrer na sociedade tradicional. Não podendo fazer uma lista completa, por enquanto, limitamo-nos a indicar o leque de doenças

cobertas pelas curas a que assistimos: gripe, dores musculares, picadas de insetos, doenças da pele, dor às pernas, fraqueza e estado geral debilitado, nervosismo, febre, diarréia, dor à coluna, sangramento vaginal.

Um destaque especial merecem as curas para os cachorros. Nós observamos muitas delas e são basicamente de dois tipos: para combater eventuais doenças caninas e para favorecer o bom êxito na caça.

Há outros aspetos, ligados à medicina tradicional que somente começamos a desvendar um pouco, mas que merecem muito trabalho ainda antes de poder ser situados devidamente. São eles: a concepção das doenças e de suas origens; os sonhos; a feitiçaria; o relacionamento com as forças do "mundo invisível". Na investigação destes aspetos encontramos uma barreira pelo momento intrasponível na religião protestante agora professada pelos Zoró. Tratar-se-á, por um lado, de não forçar as crenças dos Zoró, por outro lado, de mostrar para eles as razões de nosso interesse para esses assuntos.

Pelas observações até agora realizadas percebemos que, apesar de sua riqueza, a medicina tradicional não é mais valorizada como antigamente. Muito embora todo mundo conheça os remédios vegetais, somente uma pequena minoria se serve deles. Em princípio parece que

não existam proibições para se servir da medicina ocidental, da medicina tradicional, das duas ao mesmo tempo ou de nenhuma (temos registrado casos que ilustram as 4 possibilidades), mas a valorização aculturativa da medicina ocidental é tão alta e tão grande é o desejo da maioria dos Zoró, nesta fase de sua história, de se parecer aos brasileiros não-índios, que a medicina tradicional não é quase mais praticada. Segundo nossos dados, temos uma média de uma cura tradicional cada 4 dias, enquanto na enfermaria da FUNAI as curas são muitas, até dezenas por dia.

ALIMENTAÇÃO

Não fizemos, nem começamos nesta fase um estudo do conteúdo calórico da alimentação zoró. Preocupamo-nos, por enquanto, em registrar os hábitos alimentares. É de evidência, no entanto, que a dieta zoró é bastante rica e diversificada. Somente pelo exame das listas de produtos vegetais e animais percebe-se que não é a variedade o que falta na alimentação zoró.

A alimentação, sólida e líquida, comporta os produtos típicos dos povos caçadores-colhedores e horticultores da floresta amazônica, sendo o trabalho da roça voltado para a produção de carboidratos e feculentos e o trabalho de caça e pesca voltado para a produção de proteínas. Na alimentação líquida, contudo, entram quase que exclusivamente os produtos de origem vegetal, sob forma de sucos de fruta preparados pelas mulheres. Antigamente esses sucos eram deixados fermentar e alcoolizavam-se, mas agora, depois da conversão aos missionários das Novas Tribos, os Zoró não tomam mais bebidas alcoólicas. Somente uma vez, em três meses, saboreamos um suco de macaxeira alcoólico.

Tradicionalmente os Zoró não tinham horas marcadas para as

refeições. Como um deles explicava, enquanto os brasileiros comem três vezes por dia, os Zoró comem o dia todo, e à noite também se preciso for. Nós observamos que durante o dia, nos momentos e nas horas mais diferentes, cada qual se serve nas reservas alimentares da unidade de residência e come sem esperar para ninguém. No entanto dois momentos, parece-nos, destacam-se mais claramente.

O primeiro acontece de madrugada. Depois de ter tomado banho, os Zoró sempre costumam comer alguma coisa. Nunca vimos ninguém partir para o trabalho ou para outras ocupações ou mesmo ficar em casa sem ter-se alimentado um pouco. Não há regras para esta refeição, e os alimentos variam muito de um mês ao outro, mas geralmente nessa hora toma-se uma cuia de suco de fruta e come-se um pedaço de macaxeira assada.

O segundo ocorre à tardezinha, antes do pôr do sol. Nessa ocasião geralmente a unidade familiar se recompõe e come-se juntos uma refeição mais substancial a base de carne ou peixe e termina-se com uma grande cuia de suco de fruta.

Estes dois momentos estão todavia sujeitos à regra das refeições comunitárias. Com efeito os produtos da caça e da pesca são consumidos comunitariamente e essas refeições não têm hora: nós mesmos fomos convidados a esses banquetes às 4 de madrugada e às 10 da noi-

te. Ainda não entendemos perfeitamente os critérios para convidar a esses banquetes: às vezes é toda a aldeia que esta convidada, às vezes são os membros do parentesco, outras vezes são os vizinhos. Pelas informações que colhemos, esta prática é anterior à atração, mesmo se naquela época os Zoró moravam em malocas isoladas na floresta e distantes uma da outra.

Com a atração novos produtos e novos hábitos alimentares foram introduzidos. Entre os primeiros nomeamos o sal e a banha como os mais importantes em qualidade, e o arroz e o feijão como os mais importantes em quantidade. Foram feitas enormes e desproporcionadas roças comunitárias, pelo cultivo das quais todo os homens estão mobilizados permanentemente, sendo ocasionalmente ajudado pelas mulheres também, na época do plantio e da colheita. Um dos resultados disso tudo é, por um lado, a produção de surplus de certos produtos, sobretudo milho e arroz, e, por outro lado, um empobrecimento da variedade da dieta. Não tendo, normalmente, senão os fins de semana para caçar e colher frutos silvestres, os Zoró nos contaram que não têm mais tempo para procurar alimentação abundante e variada como faziam antigamente. Além disso, os que estão engajados nos trabalhos comunitários, isto é, todos os homens acima de 14/15 anos, comem à cozinha da frente de atração. Eles recebem de manhã um mingau de aveia ou um copo de

Nescau; ao meio dia são servidos arroz, feijão, massa, charque ou sardinhas ou caça; à tarde arroz e sardinhas. O que mais estranhámos nisso foi que durante nossa permanência nem uma vez foram preparados na cozinha da frente alimentos tradicionais zoró, além da caça. Muito embora os Zoró gostem muito de milho, macaxeira, cará e banana e as roças tenham tido excedentes de produção destes alimentos, nunca entraram nas refeições preparadas na cozinha da frente. Por outro lado a FUNAI gasta somas vultuosas para levar de avião alimentos de que os Zoró não gostam, nem precisam.

Fizemos também umas observações sobre as receitas zoró; as técnicas de cozinhar e conservar os alimentos; a variação dos alimentos numa semana, num mês e em 3 meses; a alimentação ao trabalho e a alimentação ocasional no mato. Como para outros sujeitos, todavia, temos que trabalhar bastante ainda antes de ter resultados apresentáveis.

Não sabemos se já foram feitas análises da água que os Zoró utilizam para cozinhar, para preparar os sucos de fruta, para tomar banho e para todo uso doméstico, mas acreditamos que ela seja em boa parte responsável pela difusão da verminose e por certas doenças da pele. Há claramente um problema de abastecimento de água a partir dos meados de Agosto e dura até às chuvas (fim de Outubro): os iga-

rapés e as nascentes da aldeia secam ou mingam e ficam somente umas poças de água parada que, esposta ao sol o tempo todo, esquenta. É lá que todo mundo toma banho, menos os poucos que aceitam de embrenhar-se na mata rumo aos igarapés mais distantes, e que muitas mulheres buscam a água para a preparação dos alimentos. Um poço foi cavado em 1983 e isso ajudou bastante. Todavia sendo ele localizado mais perto da frente da FUNAI do que das casas dos indígenas, não resolveu o problema de todos. Quando nós saímos da área, no fim de Setembro, uma turma de homens havia começado a cavar um poço bem no centro da aldeia.

HIGIENE

No que diz respeito à higiene corporal, os Zoró têm uma preocupação muito grande com sua limpeza. Eles tomam banho três vezes por dia, mas, dependendo das situações e da quentura, eles tomam mais. Lavam-se sozinhos, em família ou em grupo. As vezes despem-se totalmente; outras vezes entram n'água vestidos. Quando estão na aldeia banham nos igarapés que correm por perto; quando estão caçando ou passeiando alheures lavam-se aonde se encontram. Digno de nota é o fato que quando regressam à aldeia procuram sempre um igarapé aonde se lavar para se apresentar de volta bem limpos. Quase não usam sabão, devido à dificuldade em obtê-lo, e nunca se enxugam.

Um recipiente de água limpa é sempre presente nas casas para se lavar as mãos antes e depois das refeições, mesmo se não é todo mundo que efetivamente as lava. Em geral os Zoró gostam de ter as mãos limpas e quando não tem água por perto, limpam-nas com areia, folhas, um pedaço de fazenda.

O domingo de manha eles dedicam mais tempo e maiores cuidados à higiene pessoal, tomando banhos mais demorados, usando sabão e escovando os dentes. Esta última prática por enquanto parece ser somente masculina, não tendo nunca observados mulheres fazer o mesmo.

Cortam as unhas dos dedos dos pés e das mãos com uma faca qualquer. Limpam os ouvidos com palitos de madeira. Enquanto antigamente cortavam os cabelos com dentes de piranha, fazem-no agora com tesouras metálicas; penteiam-nos com pentes de plástico e perfumam-nos com essências vegetais ou com produtos doados pela FUNAI. A moda atual, para os homens, é de ter o cabelo muito curto.

Tiram uns aos outros os parasitas da pele que pegam no mato (pulgas, carapatos, piolhos), as meninas entre 8 e 10 anos sendo as mais expertas neste trabalho. Eles têm muito cuidado com esses parasitos e nós observamos umas mães passarem horas examinando o cabelo e a pele dos filhos.

A roupa de corpo e as redes são lavadas frequentemente, pelas mulheres. No entanto por falta de sabão e de escovas e, na época seca, de água limpa, não se pode dizer que os resultados sejam excelentes. Acrescente-se o fato que, devido à falta de câmbio, passam dias inteiros com a mesma roupa, acumulando em cima dela suor, poeira e sujeira. Nas condições presentes não têm dúvidas quanto ao fato que os vestidos são mais nocivos à saúde do que benéficos.

A limpeza dentro da casa é tarefa das mulheres. Elas varrem-na pelo menos uma vez por dia e toda a sujeira é recolhida num balaio e jogada no matagal mais próximo. De vez em quando, em função preventiva contra os bichos do pé, o piso da casa é totalmente encharcado d'água. Ao redor da casa são os homens que limpam: arrancam as ervas, capinam de vez em quando, queimam a palha e os pedaços de madeira e removem toda a sujeira acumulada: latas, ossos, panelas quebradas, tecidos velhos, etc. etc.

Na aldeia existem 4 privadas: uma na Frente da FUNAI e uma de cada lado da aldeia. São utilizadas sobretudo pelos homens e, parece, exclusivamente para obrar. Para urinar cada qual procura um canto mais retirado, mas ninguém procura a privada. As mulheres, por sua vez, retiram-se discretamente no mato. Para se limpar todo mundo usa

uns pedaços de pau ou espigas de milho.

A localização de duas das quatro privadas é muito ruim, especialmente a da FUNAI. Ela é muito próxima do rio onde o pessoal toma banho e onde as mulheres buscam água para cozinhar. Inclusive, na época das chuvas, foi-nos dito, as águas sobem praticamente até lambar a privada. Sendo localizada, no sentido da correnteza, acima da aldeia, é realmente toda a população que fica prejudicada por eventuais contaminações. Uma outra privada também, do lado Oeste da aldeia, fica muito perto do igarapé, mas sendo localizada no fim da aldeia, o problema é um pouco menor.

Finalmente há na Frente da FUNAI um depósito de lixo, onde são jogados restos de comida, couros de animais, caixas e latas, palha de arroz e de milho, vitros e seringas da enfermaria e tudo mais. Sendo localizada imediatamente ao lado da privada, à beira-rio, para ele valem as observações que fizemos para a privada. Acrescenta-se que não tendo nenhuma proteção que impeça o acesso, é um dos lugares preferidos pelas crianças para brincar, com resultados sangrentos pelos cortes e feridas que lá se procuram.